MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - nº 48 - 2º Andar
1997 nº 167

"Weihnachten"
Uma Noite de Natal na "Colônia do Piaguhy"

À Mamãe Emília - "in memoriam"

"Stille Nacht, Heilige Nacht..." - era vovó Cecília, com sua linda voz de soprano, entoando o belo hino austríaco, hoje conhecido entre nós como "Noite Feliz". De fato era uma "noite silenciosa, uma noite santa", aquela "Weihnachten" nos princípios do século na tranquila Colônia do Piaguhy. O silêncio profundo reunia, em volta da árvore de Natal, vovó, vovô Alois, meus tios Cecília, José, as gêmeas Augusta e Júlia, Rosalina e Angelina, além de mamãe. Era uma família constituída pelos imigrantes austríacos Alois e Cecília, que tudo deixaram em sua terra e aqui vieram, talvez iludidos pela notícia divulgada na Europa de que bastava cavar a terra no Brasil, para se achar ouro.

Haviam chegado de navio ao porto de Santos, levados para São Paulo na 2ª classe de um trem e despejados na plataforma da estação próxima à Hospedaria de Imigrantes, onde ficaram sofrendo as agruras de um trato nada decente. Depois, de novo de trem, vieram ter em Guaratinguetá, estabelecendo-se na Colônia do Piaguhy, com outros pioneiros, também vindos do antigo Império Austríaco, no final do século passado. A Colônia do Piaguhy acabara de ser implantada. Tudo era dificuldade para eles: cultivo do lote de terra adquirido a prestações, junto ao Rio Sant'Ana, a língua tão estranha para os naturais e para imigrantes de outras regiões da Europa, os costumes, a alimentação, a solidão de um lugar ainda em desbravamento, a falta de conforto da zona rural de então.



Não era esse um "Natal Branco" das neves do norte austríaco, nem havia por aqui, nessa época, o "Pinheiro de Natal", o "Tannenbaum" da tradição germânica. Durante o ano inteiro, vovô reservava uma de nossas árvores que ele julgava bonita, para a Noite de Natal, era o desejo de manter a tradição de sua terra de origem.

A tradição européia de prevenir o futuro, em vista do rigoroso inverno do norte da Áustria, levava-os, ele e vovó, a cuidarem da plantação e do armazenamento de mantimentos. O pão era feito em casa, bem como a manteiga, o "chucrute"; a carne era preparada em uma tina serrada ao meio, preservando-a para muitos dias; a vinda à cidade era demorada e dependia, muitas vezes, do estado do caminho na época de chuva, principalmente no Morro Grande, logo após a Colônia, como até bem pouco tempo, antes do asfalto.

Seguindo o costume europeu, vovô fazia um rodízio de terras, no sistema de três canteiros, de modo que um descansava em um ano, enquanto os outros dois eram cultivados. Como o uso de verduras era pouco comum, nesses lados, nessa época, mandava vir da Europa sementes de hortaliças, como as de tomate, pois aqui, só se conhecia o tomate nativo, miúdo. Porém, logo se adotou o feijão (menos o Vovô), a mandioca, a farinha de mandioca, a rapadura que fabricavam e cujas formas grandes, ainda hoje em uso por aqui, mandaram vir da Europa, e outros produtos da terra. Também o leite era aproveitado para a feitura de queijo para consumo próprio. A rapadura era produzida com cana de açúcar de suas terras, com o melado obtido do caldo da cana que não fora destinada ao Engenho Central de Lorena. Na sua carroça, vovô, muitas vezes acompanhado de mamãe, levava a cana até o porto existente na Colônia e, ali, ela era embarcada em pequenos vapores ou barcaças, com destino a Lorena, rio abaixo. Mamãe e seus irmãos mais velhos frequentavam o Grupo Escolar do Piaguhy, o primeiro estabelecimento desse tipo criado em nossa zona rural. Vovô, porém, não se conformava que, principalmente na roça, se estudasse a Geografia da Europa mais que a do país, bem como a História Geral. Entretanto, já nos seus noventa e tantos anos, mamãe ainda se lembrava das perguntas da professora: "Quem construiu os Jardins da Babilônia"? "Quem foi Semíramides"? Entretanto, a obrigação de decorar poesias era bastante educativa. Mamãe, lá pelos seus 95 anos, ainda recordava algumas, como a "Órfã Na Costura" de Junqueira Freire, cuja última estrofe diz: "Minha mãe era mui bela/ Eu me lembro tanto dela, / De tudo quanto era seu! / Minha mãe era bonita, / Era toda minha dita, / Era tudo e tudo meu", e que, hoje, a saudade parece-me referir-se a ela. E os alunos iam-se divertindo enquanto a professora fazia crochê. Para mamãe e seus irmãos, havia, entretanto, o problema da língua, pois, as outras crianças caçoavam do seu Alemão - foi difícil até falarem o Português com mais fluência. Havia também certo antagonismo com algumas famílias croatas e do norte da Itália, regiões dominadas pelo Império Austríaco que só se desfez com a 1ª Grande Guerra (1914-1918), terminando com o célebre "A.E.I.O.U.", ou seja "Austriae est imperare orbem universum" (É próprio da Áustria dominar o mundo todo). E a cujo exército vovô havia servido, embora ele fosse "sudeto", isto é, nascido na Boêmia-Morávia, hoje República Tcheca. Vovó, porém, era austríaca legítima, daí o seu nome de solteira Cecília Fleischander, nascida na região de Linz, Norte da Áustria.

A música do "Stille Nacht" é do Pe. José Mohr e a letra de Franz Xavier Gruber, composta por ambos na véspera do Natal de 1818, e que Gruber, no dia seguinte executou ao violão, já que o órgão da aldeia, perdida nas montanhas dos Alpes austríacos, estava estragado. Na tarde do dia 25, foi executada pela primeira vez. Mohr cantou a parte do tenor e Gruber a do baixo, acompanhando-se a violão. Sendo acompanhados, nos dois versos finais de cada estrofe, por um coro de meninas.. O hino que traduzia a placidez de uma noite de inverno nas montanhas austríacas, da região de Salzburg, propagou-se pelo país, aos poucos e, finalmente, alcançou o mundo a partir de 1854, quando foi cantado pela Capela Imperial do imperador da Alemanha. É o nosso "Noite Feliz". E que Vovó trouxe para os campos da Colônia.

Nesse tempo, o dia 24 de dezembro era dia de abstinência de carne e de jejum. Embora este obrigasse só os adultos, segundo a tradição trazida por Vovó no navio de imigrante, até mesmo as crianças faziam relativo jejum, enquanto, no forno de barro, preparavam-se as delícias da "Ceia de Natal", que, parece-me, tinha início mais cedo - "quando a primeira estrela despontasse no céu", contava-me mamãe. Ela nunca se referiu ao costume de dar-se presentes uns para os outros. Talvez apenas às crianças.

Enquanto o dia 24 transcorria na labuta intensa, vovô já havia cortado a árvore selecionada por ele, com carinho, durante todo o ano. Ela era festivamente levada para casa, com as crianças querendo ajudar, correndo alegres para lá e para cá, numa euforia transparente dos que vivem junto à natureza e ainda não tinham brinquedos caros e artificiais. A chegada a casa era outro motivo de azáfama. Com o forno de barro já aquecido, guirlandas de papel de seda recortado eram confeccionadas, correntes do mesmo material eram encadeadas, nozes, avelãs, amêndoas e outras frutas eram embrulhadas em papel bem colorido. A árvore ia para um cômodo mais reservado para ser preparada fora das vistas dos menores. Velas eram compradas na venda do "seu" Vittorio Cavaglièri, lá na esquina da praça da Colônia.

Aberto o forno, era hora de o raer e nele colocar os petiscos para serem preparados para a ceia. Não faltavam tortas várias, carnes bem temperadas, doces e o delicioso "*apfelstrudell*", cuja receita vovó trouxera no seu "baú austríaco". Ao pé da letra, seria um "enrolado de maçã", de massa fina como folha de papel, enrolando o recheio composto de pedaços de maçã, farinha de rosca, passas, manteiga, etc. e, como nesses tempos, era um tanto difícil obter-se maçã bastante, a inventividade de vovó ajuntou a goiabada - o que não deixou de tornar o "apfelstrudell" bastante delicioso, e rodelas de banana nanica. E o Natal da família teve, desde sua época, um sabor de "estrúdel".

Aproximando-se a meia-noite, os lampiões eram apagados - na casa ainda não havia luz elétrica, como em toda a Colônia. Aliás, só em 2/2/1905, era inaugurada a luz elétrica na cidade e, nesse ano, o dia da Senhora das Candeias foi de especial significado para a família Dubsky, pois vovô levou todos até o início da estrada da Colônia, de onde se avista a cidade, para que adultos e crianças assistissem, deslumbrados, à inauguração da luz na cidade, ao anoitecer desse dia; na roça, entretanto, a situação continuaria a mesma, ainda depois desse dia.

No silêncio dessa noite, toda atenção se voltava para a árvore, enquanto a suave voz de soprano de vovó Cecília entoava o "Stile Nacht, Heilige Nacht", naquela calma e santa noite, ante a árvore iluminada, lembrando a nova vida com que Cristo veio iluminar a terra. Com que emoção não cantaria vovó o lindo hino austríaco que, dos embates do mar, das dificuldades da nova vida em terra estranha, trazia à lembrança os natais com a família agora tão distante no espaço e tão próxima na saudade. Vovô Alois tentava acompanhá-la com sua voz desafinada mas cheia de boa intenção e, também, quem sabe, com um laivo de melancolia: longe ficaram parentes, o duro serviço militar no exército austríaco, sua terra natal branqueada de neve. Porém, nessa noite especial, a venda dos "Cavaglièri" não contaria com sua presença para o truco, nem para tomar seus "schnaps" - essa era uma noite sagrada, a noite da família, a noite santa, mesmo para ele que não tinha sentimentos devocionais. Essa dedicação ao Natal: a escolha da árvore namorada o ano inteiro, a abstenção de certos prazeres, a dedicação à família, devem ter-lhe valido as visões da hora da morte: "Engel, alle Engel" - "Anjos, tudo Anjos", dizia ele. Na lembrança saudosa vêem-me as palavras do Evangelho "E de repente surgiu com o anjo uma multidão da milícia celeste...". Com certeza eram os mesmos que, naquelas Noites de Natal no Piaguhy sobrevoavam o humilde lar de uma casa de imigrantes honestos e trabalhadores, cantando: "Glória a Deus nas alturas e paz aos homens de boa vontade", fazendo contraponto com vovó no canto de Mohr que fala nos anjos, mandados por Deus, aos pastores, nos prados da Judéia. E vem-me à lembrança as palavras que um coral luterano põe na boca do Anjo: "Von Himmel hoch da Komm ich her...": "Do alto do céu eu vim até aqui...". Ele agora vinha buscá-lo, a ele que tão germanicamente, porém com terno coração, homenageara o Infante da Nova Árvore da Vida, "Luz para iluminar as nações" (Do cântico de Simeão) como pareciam simbolizar as velas de chamas oscilantes daquela árvore iluminada no profundo silêncio daquela noite campestre.

Não havia luz elétrica e lâmpadas pisca-pisca, bolas de vidro colorido, festões prateados, mas aquela árvore iluminada norteou a família Dubsky para sempre. E hoje agradeço a Deus por ter enviado de terras tão distantes este casal de imigrantes, assim como, da França, veio outro navio que aportava em Paraty com um joalheiro. E, na minha casa, estes caminhos se encontraram, pela Providência Divina. E ainda ressoam as vozes: "**STILE NACHT, HEILIGE NACHT**".

"Pelo Senhor foi feito isto: e é coisa admirável aos nossos olhos" (Salmo 117, 23 - do Gradual da antiga 2ª Missa de Natal).

E mamãe guardou para sempre a imagem das Noites de Natal na Colônia do Piaguhy dos primeiros anos do século, tão cheias de encanto.

Guaratinguetá, no Advento de 1997.

Benedito Dubsky Coupé